

ETNOMETODOLOGIA

UM ESTUDO INTRODUTÓRIO

Ireno Antônio Berticelli

Introdução

Este estudo introdutório tem por objetivo apresentar aos educadores uma corrente de pesquisa relativamente nova para o nosso meio. A hegemonia exercitada pelo materialismo histórico e pelo método dialético em pesquisa educacional, no Brasil, a partir do fim da década de 70, retardou a prática de outras metodologias. Não se está a afirmar que não se têm feito pesquisas educacionais com outros métodos. Mas a predominância do materialismo histórico é inegável e a produção científica em educação, ligada a um grande número de pesquisadores em visibilidade, nestas últimas décadas, impôs um cenário desfavorável ao surgimento de outras correntes de pensamento e de outros métodos.

Neste estudo, reunimos algumas informações básicas sobre a história e sobre os fundamentos epistêmicos da etnometodologia, mormente a fenomenologia de Alfred Schütz. A literatura sobre a matéria, em nosso meio, é relativamente reduzida. As duas obras mais importantes sobre a matéria, editadas no Brasil, julgamos serem as do francês Alain Coulon, intituladas *Etnometodologia* e *Etnometodologia e educação*, publicadas pela Editora Vozes, em 1995. Há, ainda, publicações esporádicas de textos em obras mais gerais, como, por exemplo, um tópico muito breve inserido na obra *Metodologias qualitativas na sociologia*, de Tereza Maria Frota Haguette, de 1992, também da Vozes.

Não é objetivo deste pequeno estudo inventariar bibliografias sobre a matéria aqui tratada. Interessa, sim, levar aos leitores uma abordagem inicial sobre a etnometodologia, sua história, seus principais

personagens mentores e seus fundamentos epistemológicos, no intuito de incentivar reflexão e pesquisa em educação, com este valioso recurso. Trata-se de uma metodologia extremamente produtiva na pesquisa qualitativa. Professores em geral e pesquisadores educacionais, em particular, têm encontrado excelente recurso interpretativo das realidades educacionais com os recursos da etnometodologia.

1. Onde, quando e como surgiu a etnometodologia

A etnometodologia tem como principal inspirador Harold Garfinkel (1917-1987). Formou-se no departamento de sociologia da Universidade de Harvard, onde foi orientado por Talcott Parsons (1902-1979). Logo se tornou um crítico das teorias funcionalistas, adotando como base teórica a fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e Alfred Schütz, como também o interacionismo simbólico de Chicago (Robert Park, Ernest Burgess e William Thomas)¹. Entre os que o influenciaram, deve-se citar, entre outros, Aaron Gurwitsch, Maurice Merleau-Ponty e, de alguma maneira, o próprio Wittgenstein, para quem “a compreensão se acha sempre já realizada nas atividades mais corriqueiras da vida ordinária” (WITTGENSTEIN, *in* COULON, 1995a, p. 11). A partir de 1954, Garfinkel se torna professor na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCALA).

Garfinkel, aluno de Talcott Parsons, defende sua tese de doutorado em 1952, em Harvard, sob o título *The perception of the other, a study in social order*. Nomeado para lecionar na UCLA ele multiplica suas pesquisas, introduzindo os **etnométodos**.

A etnometodologia só se torna, efetivamente, um movimento, uma corrente sociológica, a partir de 1965, quando Aaron Cicourel (1928-), ex-aluno de Garfinkel, se torna professor da Universidade de Berkeley, próxima a São Francisco. Cicourel se titulara como Mestre na UCLA, em 1955. Em 1963, publicou, com John Kitsuse, um estudo sobre os decisores em matéria de educação, na obra *The educational decision-makers*². Em 1964, publicou uma obra sobre o método e a medida em sociologia. E, em 1965, juntamente com Garfinkel, realizou um seminário informal. Nesse seminário se deu o encontro com Haravey Sacks, Lawrence Wieder, Don H.

Zimmermann e diversos etnólogos, entre eles Michael Moerman, Benetta Jules-Resette e Carlos Castañeda. A partir de 1966, se encontra em Berkeley, onde forma um notável grupo de estudantes, como Roy Turner e David Sudnow. Lecionando em Berkeley e Los Angeles, se encontra sempre com Garfinkel. Em 1962-1963 se organiza, em Berkeley, um grupo de estudos em torno das publicações de Garfinkel. Fazem parte do grupo nomes como os de Emanuel Schegloff, David Sudnow e Roy Turner. Todos eles exercem atividades nos *campi* da Califórnia, formando uma verdadeira rede, na expressão de Nicolas Mullins. Em 1965, Don H. Zimmermann se junta também ao grupo, em Berkeley, juntamente com Sudnow.

De fato, a corrente etnometodológica tem como ponto de irradiação o pólo californiano da UCLA-Berkeley e o duo **Garfinkel/Cicourel** que propiciaram o aparecimento da segunda geração de pesquisadores (Michael Moerman, Haravey Sachs, Emanuel Schegloff, David Sudnow, Roy Turner, D. Lawrence Wieder, Don H. Zimmermann são os principais). Segundo DELLAS & MILLY (opus cit., p. 300): “As publicações do conjunto das principais análises de H. Garfinkel (*Studies in ethnomethodology*, 1967) depois do livro de A. Cicourel (*La sociologie cognitive*, 1972) constituem como um novo ato fundador”. E a terceira geração surge no período de 1970 a 1980, com a difusão das teses etnometodológicas em universidades americanas, depois na Europa, especialmente na Alemanha, em Bielefeld.

O rompimento com o funcionalismo estrutural de Talcott Parsons e Robert Merton se torna sempre mais evidente a partir do final dos anos 60, por conta da influência do novo grupo de sociólogos. A fenomenologia social, que foi adquirindo importância nos Estados Unidos e no mundo, ajudou a colocar a etnometodologia num lugar de maior destaque, ainda que, até aqui, apenas no âmbito californiano. Alfred Schütz, que morrera em 1959, nos EEUU, deixou uma obra esparsa, que foi reunida nos *Collected papers*, por Maurice Natanson, em 1962. Em 1966, Peter Berger e Thomas Lückmann publicam sua célebre obra *A construção social da realidade* em 1966, traduzida para o francês vinte anos depois (em português temos uma tradução da Editora Vozes, com numerosas edições). Seus autores continuaram a publicação dos *Collected papers* em 1968.

Em 1964, a rede californiana de etnometodologia contava com

25 membros (em 1972, serão 50, segundo Mullins).

No final dos anos 60, se forma uma nova geração de etnometodólogos nos *campi* da Califórnia, com a multiplicação de defesas de teses, sobretudo em Santa Bárbara, em torno de Cicourel (Lawrence Wieder, 1969; Hugh Mehan, 1971; Marschall Shumsky, 1972; Robert McKay, Kenneth Leiter, Kenneth Jennings, Schwartz, David Roth e outros). Segundo Flynn (1991, p. 44), entre 1967 e 1972 foram defendidas em Santa Bárbara dezesseis teses de orientação etnometodológica. A partir de 1970, a etnometodologia começa a apresentar uma divisão em dois grupos: “o dos analistas de conversação que tentam descobrir em nossas conversas as reconstruções contextuais que permitem lhes dar um sentido e dar-lhes continuidade; e o dos sociólogos para os quais as fronteiras reconhecidas de sua disciplina se acham circunstritas aos objetos mais tradicionais que a sociologia estuda, como a educação, a justiça, as organizações, as administrações, a ciência” (COULON, 1995a, p. 26).

Em 1970, a etnometodologia se instala na costa leste dos Estados Unidos, com uma nova geração (Alan Blum, McHugh, Robert McKay, George Psathas, Jeff Coulter), nas universidades de Nova York e Boston. Chega à Inglaterra, em Londres e Manchester, com Rod Watson, John Heritage, Douglas Benson, John Hughes, Weley Scharrock, Bob Anderson, John Lee e na Alemanha encontrar-se-á o grupo da Universidade de Bielefeld. Apenas em 1984, na Itália³, é lançada uma coletânea de textos traduzidos.

Na França, a etnometodologia chega apenas em 1973, com as primeiras publicações. Em 1981, Christian Bachmann, Jacqueline Lindenfeld e Jacky Somonin publicam uma obra intitulada *Langage e communications sociales* (Hatier), com um capítulo dedicado à etnometodologia (COULON, 1995a, p. 27). Em 1991 são defendidas teses de inspiração etnometodológica.

2. O que é etnometodologia - conceitos principais

“O termo ‘etnometodologia’ foi utilizado pela primeira vez por Harold Garfinkel, em 1967, para classificar o estudo do raciocínio prático cotidiano enquanto fundamento de toda atividade humana”

(DELAS & MILLY, 1997, p. 297). No raciocínio prático entende-se que os indivíduos utilizam a linguagem cotidiana para descrever o estudo empírico de suas experiências e de suas atividades.

A etnometodologia se interessa pelos mesmos fenômenos que a sociologia. Enquanto a sociologia aborda as estruturas sociais como sendo “fatos sociais objetivos e peremptórios”, a etnometodologia afirma, ao contrário, que as estruturas sociais objetivas e peremptórias são construídas por “atividades sociais estruturantes” que se denominam práticas, métodos, modos de proceder - atividades estruturantes que a sociologia ignora. A etnometodologia estuda as atividades estruturantes que aglutinam as estruturas sociais.

A hipótese central da etnometodologia é que se deve considerar os fatos sociais como realizações práticas.

"Contrariamente a certas formulações de Durkheim, que nos ensina que a realidade objetiva dos fatos sociais é o princípio fundamental da sociologia, nós postulamos, a título de política de pesquisa, que para os membros que fazem sociologia, o fenômeno fundamental é a realidade objetiva dos fatos sociais, enquanto realização contínua das atividades combinadas da vida cotidiana dos membros, que utilizam, considerando-os conhecidos e evidentes, processos ordinários e engenhosos para esta realização." (GARFINKEL, H., *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, New Nersey, Prentice Hall, 1967, *apud* DELAS, J.-P. & MILLY, B., 1997, p. 298)

Por etnométodos se entendem “os procedimentos apoiados num estoque de conhecimentos que os membros utilizam em suas atividades cotidianas, ‘raciocínios sociológicos práticos’, diz Garfinkel.

O prefixo “etno” significa que tais procedimentos são locais, próprios de um grupo, de uma “tribo”, bem por isto nem sempre compreensíveis para alguém estranho ao grupo. Os membros, enquanto membros de uma comunidade bem definida, podem entender as regras morais, a linguagem que seus companheiros usam.

Nas primeiras linhas do primeiro capítulo dos *Studies in ethnomethodology*, Garfinkel afirma que seus estudos de etnometodologia abordam as atividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio sociológico prático, como temas de estudo

empírico. Concedendo às atividades corriqueiras da vida cotidiana a mesma atenção que habitualmente se presta aos acontecimentos extraordinários, tentaremos compreendê-los como fenômenos de direito pleno. (*Apud* COULON, 1995a, p. 29).

Garfinkel centra seu interesse nas atividades práticas e, em particular, o raciocínio prático, quer seja profissional ou não.

“A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar” (COULON, *opus cit.*, p. 30). Filia-se, pois, claramente, à fenomenologia de Alfred Schütz.

Conta-nos Garfinkel:

“Eu trabalhava sobre o fichário das áreas transculturais de Yale. Por acaso folhei o catálogo sem a intenção de encontrar esta palavra. Percorri os títulos e cheguei à seção etnobotânica, etnofisiologia e etnofísica. Então eu tinha de me haver com alguns jurados que punham em prática uma metodologia... Mas como denominar esse truque? Não seria isto para me recordar de sua substância?”

É assim que a palavra etnometodologia foi utilizada de início. Etno sugeria de uma maneira ou de outra que um membro dispõe do saber do senso comum de sua sociedade enquanto que saber de “seja como for”. (H. Garfinkel no colóquio de Pardue, 1967, entrevista reproduzida parcialmente em *Societés*, nº 5, 1985, vol. I, p. 5-6, citada em DELLAS & MILLY, 1997, p. 298)

Portanto, estas metodologias, os etnométodos, quer dizer, os procedimentos apoiados num estoque de conhecimentos que os membros utilizam em suas atividades quotidianas, são chamados “raciocínios sociológicos práticos” por Garfinkel.

“Onde outros vêem dados, fatos, coisas, a etnometodologia vê um processo através do qual os traços da aparente estabilidade da organização social são continuamente criados”⁴.

Em um artigo famoso, Garfinkel e Sacks afirmam que “os fatos sociais são as realizações dos membros”⁵.

Nesta visão, a realidade social é continuamente criada pelos atores, não é um dado preexistente. Importante é, pois, para o

etnometodólogo, dar atenção ao modo como os membros tomam decisões. Cabe, pois, à etnometodologia pôr em evidência os métodos pelos quais os atores 'atualizam' essas regras, diz COULON, (op. cit., p. 31). Isto as faz observáveis e descritíveis. As atividades práticas dos membros, em seu agir quotidiano revelam as regras e os modos de seu proceder. Não as hipóteses. Dito de outra forma: "a observação atenciosa e a análise dos processos aplicados nas ações permitiriam pôr em evidência os modos de proceder pelos quais os atores interpretam constantemente a realidade social, inventam a vida em uma permanente bricolagem. Será portanto de importância capital observar como os atores de senso comum o produzem e tratam a informação nos seus contatos e como utilizam a linguagem como um recurso. Em suma, como fabricam um mundo 'racional' a fim de nele poderem viver" (Idem).

2.1 *Influências teóricas*

O primeiro aporte teórico da corrente etnometodológica deve ser buscado em **Alfred Schütz** (1899-1959). Schütz é de origem austríaca e se inspirou em Husserl (1859-1938) e em Max Weber (1864-1920). "Ele é o fundador da sociologia fenomenológica" (*Der Sinnhafte Aufbau der sozialen Welt*, 1932). "Ele se dedicou a estudar os procedimentos que os indivíduos põem em prática em sua vida quotidiana para dar um sentido às suas ações e às dos outros". (DELAS & MILLY, opus cit., p. 298)

"Aquele que estuda o mundo social não se encontra diante de uma escolha inexorável: seja aceitar o ponto de vista subjetivo mais restrito e estudar, por conseguinte, os motivos e os pensamentos que existem no espírito do ator; seja limitar-se a descrever o comportamento aparente e admitir o princípio behaviorista da inacessibilidade do espírito do outro e mesmo da não-verificabilidade de sua inteligência. Uma outra atitude fundamental é possível (...) Que significa o mundo social para mim observador? (...) Que significa o mundo social para o ator tal como o observamos neste mundo e o que ele quis significar por seu agir? (...) Nós podemos sempre voltar-nos em direção ao *homem esquecido* das ciências sociais, em direção ao ator

cujo fazer e sentir se encontra no fundo de todo o sistema social. Nós tentamos, então, compreender neste fazer e neste sentir a compreensão do estado de espírito que o incitou a adotar as atitudes específicas em relação a seu ambiente social". (SCHÜTZ, A., 1984, p. 6-10)

Seguindo o texto de DELLAS & MILLY, (1997, p. 299), constatamos que Schütz em uma obra sobre a fenomenologia do mundo social, em 1932, tenta atar os fios religando interação social e intercompreensão. Sob a influência de Husserl e Weber, cria um projeto de uma sociologia fenomenológica que teria por materiais de base a experiência da vida cotidiana. A sociologia é uma hermenêutica da ação social (A. Schütz, *Le chercheur et le quotidien*. trad. francesa de 1987). Ela visa à compreensão dos procedimentos de interpretação cotidiana que permitem dar um sentido às nossas ações e às dos outros. Tal como Husserl considerava que o mundo é um dado objetivo que se impõe da mesma maneira, com sua estrutura e sua história, aos indivíduos que com ele devem compor, Schütz se interessa pelo mundo social tal como é percebido de maneira imediata e familiar graças, principalmente, a um conhecimento socialmente distribuído (pelos amigos, os mestres, os parentes...). Weberiano, Schütz concede, em seguida, um primado à noção de sentido da ação. Para resolver o problema delicado do conhecimento do sentido da ação de outrem, Schütz lança as bases de uma teoria da interação. Com este fim, ele realiza primeiramente uma análise crítica da noção weberiana de compreensão e reconhece de boa vontade, apesar de tudo, que o conhecimento intersubjetivo para a intercambiabilidade dos pontos de vista é possível. Em segundo lugar, ele extrai de Husserl a noção de tipicidade. A tipicidade é um conjunto de esquemas interpretativos que caracterizam nosso conhecimento familiar e comum das coisas percebidas pelo viés de interesses e de sentidos comuns. A tipicidade não é, pois, um estratagema heurístico visando melhor compreender o mundo histórico (como o seja, ao contrário, a noção de tipo-ideal em M. Weber), mas o produto de uma concepção do mundo por parte dos atores.

Outra importante fonte de influência teórica é o interacionismo simbólico. Esta teoria tem sua origem na "Escola de Chicago" (Vide nota 1). Esta corrente de pensamento popularizou a utilização dos

métodos qualitativos na pesquisa de campo. O interacionismo simbólico se contrapõe às concepções durkheimianas do autor⁶.

Os caminhos seguidos pelos trabalhos dos etnometodólogos da segunda e terceira geração de pesquisadores são vários. Os quatro principais são os seguintes:

1. A análise da conversação, nos Estados Unidos, na Inglaterra e França;
2. Os estudos dos campos particulares de conhecimentos (a ciência, a religião, o direito e a medicina);
3. Os estudos conduzindo à intervenção social na educação, na justiça e nas instituições burocráticas;
4. Os estudos cognitivos (a sociologia cognitiva).

3. Conceitos da etnometodologia

3.1 *A competência dos membros*

A idéia da “competência dos membros” surgiu em 1954, quando foi levado a trabalhar com Fred Strodbeck e Saul Mendlovitz, na Faculdade de Direito de Chicago, sobre uma pesquisa que estavam fazendo acerca dos jurados dos tribunais. Strodbeck havia instalado secretamente microfones na sala de deliberações do tribunal de Wichita, a fim de gravar as deliberações dos jurados. Garfinkel se impressionou pelo fato de que os jurados, sem serem formados nas técnicas jurídicas, eram capazes de examinar um crime e pronunciarse sobre a culpabilidade dos seus autores. Para isto, lançavam mão de procedimentos e de uma lógica de senso comum, como por exemplo, distinguir o verdadeiro do falso, o provável do verossímil, eram capazes de avaliar a pertinência dos argumentos aduzidos do discurso do processo (COULON, 1995a, p. 49-50). Portanto, sua base era o senso comum. Daí, como afirmamos, o prefixo “etno”, significando que eles dependiam do senso comum de que cada indivíduo dispõe **quando membro de uma sociedade.**

“Sem ter anteriormente recebido formação jurídica, os jurados possuem métodos adequados, na qualidade de membros de sua sociedade, conhecendo a moral de sua vida quotidiana,

para provar sua competência, para julgar assuntos judiciais. Estes métodos são locais, particulares a uma “tribo”, e não são legíveis à primeira vista por um estranho. Denominá-los etnométodos é marcar o pertencimento destes métodos a um grupo particular, a uma organização ou a uma instituição locais. A etnometodologia se torna, então, o estudo dos métodos que os atores utilizam no cotidiano, que lhes permite viver juntos e compreendidos de maneira conflituosa e que rege as relações sociais que eles mantêm.” (GARFINKEL, *apud* DELLAS & MILLY, 1997, p. 301)

Desta observação, Garfinkel concluiu que a etnometodologia e, de modo mais amplo, a sociologia podem ser consideradas como **etnométodos particulares**, produtos do senso comum. Conclui, ainda, que **todo indivíduo de uma sociedade dispõe de métodos adequados para interpretar a vida social e para analisar suas próprias práticas**.

O que se disse é válido, tanto para a sociologia “profana” quanto para a profissional. E Garfinkel insiste que **“o ator social não é um idiota cultural”**. O ator é, pois, seu próprio sociólogo. É, em última instância, o mestre de suas práticas. Garfinkel considera que o é, senão o único, ao menos o melhor testemunho de suas práticas, de suas experiências da vida social. Diz Garfinkel:

Os sociólogos concebem o homem-em-sociedade como um idiota desprovido de julgamento (*a judgement dope*)... O ator social dos sociólogos é um “idiota cultural” que produz a estabilidade da sociedade agindo conforme certas alternativas de ação preestabelecidas e legítimas que a cultura lhe fornece”. (COULON, 1975a, p. 53)

As *metodologias* que Garfinkel designa como **“raciocínio sociológico prático”** empregadas pelos membros comuns da sociedade, observados na gestão corrente dos seus negócios cotidianos, vêm a ser o corpus da pesquisa etnometodológica.

Em sua obra principal, *Studies in ethnomethodology* (1967), Garfinkel instaura uma teoria do saber prático cotidiano: “trata-se de compreender a construção da vida social a partir das experiências práticas individuais e mais fundamentalmente das formas de linguagem engajadas nestas experiências. (...) a linguagem está à base de todas as mudanças sociais” (DELLAS & MILLY, 1997, p. 302). A etnometodologia, pois, se situa entre a tradição fenomenológica e a

filosofia da linguagem comum (*ordinary language philosophy*).

Segundo Dellas e Milly, o trabalho de Garfinkel vem caracterizado pelos seguintes aspectos e conceitos:

1. A indexicalidade;
2. A reflexividade;
3. O conceito de membro da sociedade;
4. A disponibilidade-disposição (*accountability*);
5. As práticas da ação social (*science display*);
6. A contextualidade;
7. A competência única (*unique adequacy*);
8. A encenação da ação social (*scene display*)

Portanto, a etnometodologia tem como finalidade a análise das práticas, observadas no quadro quotidiano ('práticas localizadas') e em seu contexto de ação ('contextualidade'). Trata-se de expor os métodos que utilizam os 'membros da sociedade' para dar um sentido às suas ações. Tais exposições devem se basear numa microanálise das interações e das conversações, a partir das experiências do ator, em seus próprios termos. Porque o único momento de chegar ao sentido de uma prática é conhecê-la a partir do interior ('competência única'), por ocasião de sua representação concreta (*scenic display*).

3.2 Indexicalidade

Esta noção lingüística diz respeito às palavras que só fazem sentido em situações particulares. O ator de um grupo, tribo, comunidade específicos é capaz de entender as palavras ditas e os subentendidos de cada situação. Quando, num grupo específico, alguém diz: "Você entende bem o que eu quero dizer", o interlocutor é capaz de entender isto. Vai além da informação que é dada e a completa. Os membros adquirem, dizem os dois autores que traduzimos, um vocabulário descritivo, um repertório de subentendidos que os define como membros (DELLAS & MILLY, 1997, p. 302-303). Dizem ainda Dellas e Milly: "Para Garfinkel, é o conjunto da linguagem e não as expressões sozinhas remetendo explicitamente ao contexto, que é indexical". Esta é uma característica intrínseca da sociedade.

3.3 A reflexividade

Por reflexividade se entende, a um tempo, um elemento de descrição e de "construção da vida social". Tem caráter performativo (dizer e fazer). Quando se diz, se produz a ação que se diz.

3.4 O conceito de membro

O termo "membro" é considerado mais adequado pelos etnometodólogos, ao invés de "ator", porque destaca mais a importância do domínio de uma linguagem comum na construção da vida cotidiana numa sociedade. É enquanto membro de uma sociedade que um indivíduo adquire a linguagem natural comum, graças a que dispõe de métodos próprios de avaliação (*etnométodos*). Ao se posicionar assim, Garfinkel reporta-se a Merleau-Ponty:

"Nossas pesquisas nos remetem indefectivelmente a Merleau-Ponty para retomar aquilo que ele nos ensinou: nossa familiaridade com a sociedade é um milagre constantemente renovado. Esta familiaridade, tal como a concebemos, abrange o conjunto das realizações da vida quotidiana como práticas que estão à base de toda forma de colaboração e de interação. Devemos falar das aptidões que, enquanto competência vulgar, são necessárias às produções constitutivas do fenômeno quotidiano da ordem social. Resumimos estas competências introduzindo a noção de membros". (GARFINKEL, H. *apud* DELLAS & MILLY, 1997, p. 304)

Membro não se refere à pertença social, mas ao domínio da linguagem natural, que é a linguagem que se torna reveladora de sentidos para o etnometodólogo.

"A noção de membro constitui o fundo do problema. Não usamos o termo em referência a uma pessoa. Refere-se sobretudo ao domínio da linguagem comum, que ouvimos da maneira seguinte. Afirmamos que as pessoas, por causa do fato de falarem uma linguagem natural, acham-se, de certa forma, empenhadas na produção e na apresentação objetivas do saber

de senso comum de seus negócios quotidianos enquanto fenômenos observáveis e relatáveis." (GARFINKEL, H., apud COULON, opus cit. p. 47)

Para tornar-se membro é mister filiar-se a um grupo, a uma instituição, o que exige crescente domínio da linguagem institucional. Um membro não é, pois, simplesmente uma pessoa. É alguém dotado de um conjunto "de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca", diz, ainda, Coulon.

3.5 *Accountability* (*restitualité* - *restitualidade*)

Accountability é uma noção que significa que o social não é um dado intrínseco mas que ele se constrói e se atualiza nas práticas quotidianas. Diz Garfinkel, no prefácio aos *Studies*:

"Os estudos etnometodológicos analisam as atividades cotidianas dos membros como também dos métodos que fazem essas mesmas atividades visivelmente racionais e **relatáveis** (grifo nosso) a todos os fins práticos, isto é, descritíveis (*accountables*), enquanto organização ordinária das atividades de todos os dias⁷."

Quéré sublinha "duas características importantes da *accountability*: ela é reflexiva e racional. Dizer que é reflexiva é o mesmo que sublinhar a *accountability* de uma atividade e de suas circunstâncias é... um elemento constitutivo dessas atividades" (in COULON, 1995a, p. 42).

Quando dizemos que o mundo social é *accountable*, estamos querendo dizer que ele é algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável, analisável, destaca. Essa analisabilidade do mundo social, a sua descritibilidade e sua objetividade se mostram nas ações práticas dos atores. O mundo não é dado uma vez por todas, mas se realiza em nossas práticas. Pelo que, Zimmermann⁸ pode afirmar que a etnometodologia aborda os relatos do mundo social feitos pelos seus membros como realizações em situação, não como indícios daquilo

que se passa verdadeiramente. A etnometodologia, de modo geral, se preocupa em elucidar a maneira como os relatórios ou relatos, ou as descrições de um acontecimento, de uma relação ou de uma coisa, são produzidos em interação, de tal modo que atingem um estatuto metodológico claro, por exemplo, estabelecido ou ilusório, objetivo ou subjetivo, etc.

Alain Coulon nos explica melhor o que é *account*:

"Se eu descrevo uma cena da minha vida cotidiana, não o faço enquanto ela me 'diria' o mundo que minha descrição pode interessar a um etnometodólogo, mas enquanto essa descrição, em se realizando, 'fabrica' o mundo, o constrói. Tornar o mundo visível significa tornar a minha ação compreensível, descrevendo-a, pois eu mostro o seu sentido pela revelação a outrem dos processos pelos quais eu a relato." (1995a, p. 42)

4. Cicourel, em particular

Aaron Victor Cicourel (1929-) se tornou conhecido por um estudo que realizou juntamente com John Kituse, acerca dos **decisores** (*decision-makers*), na área da educação. Ainda que tenha sido um etnometodólogo que deu corpo ao movimento etnometodológico, afasta-se rapidamente de Garfinkel, constituindo uma etnometodologia própria, fundada na lingüística de Noam Chomsky, ou seja: **a sociologia cognitiva**. Partindo de uma análise dos "procedimentos interpretativos", postos em prática pelos próprios atores sociais, esta sociologia afirma a necessidade de se interessar pelas situações de interação. Nisto, a linguagem se encontra no centro da interpretação. Cicourel apressa-se em denunciar o emprego que fazem os sociólogos, sobretudo os funcionalistas, de termos tais como "estatuto", "papel", "norma", que lhe parecem inadequados à compreensão das encenações cotidianas. O relatório sociológico das ações deve ser feito, pelo contrário, empregando as próprias classificações dos atores. Estes é que põem em prática esquemas de

percepção e de interpretação cuja significação de outro modo se torna inacessível ao observador.

Em *La sociologie cognitive* CICOUREL (1972, p. 51-52), destaca os seguintes pontos fundamentais de sua teoria:

1. Os participantes de uma interação social “compreendem” aparentemente muitas coisas (a partir da elaboração de signos verbais e não verbais), mesmo se eles não são mencionados explicitamente. Os elementos não verbais podem revelar-se tão importantes quanto os elementos verbais.

2. Os atores atribuem significações que “permitem compreender” o que é descrito ou explicado, mesmo se em certo momento dado a conversação não parece muito clara ao parceiro ou ao observador independente, por causa da utilização de certos termos. Pelo emprego de procedimentos interpretativos os participantes dão significações e estruturas subjacentes. O conteúdo aparente não desvela estas significações para um observador, salvo se o modelo deste é orientado em direção a estruturas deste tipo.

3. Os participantes de uma interação social pressupõem um esquema de interpretação (procedimentos interpretativos) e selecionam certas características da cena para estar em condições de explicar e de preencher as lacunas naquilo que é descrito. (...)

4. De modo geral, os participantes não duvidam dos propósitos do outro e não exigem provas exteriores. (...)

5. Os procedimentos interpretativos sugerem as informações (conhecimentos socialmente distribuídos) que permitem ao ator associar regras normativas gerais às cenas de interação vividas. Os procedimentos interpretativos e as regras de superfície (normativas) fornecem ao ator uma estrutura que lhe permite compartimentar seu ambiente em domínios de significação.

6. Os procedimentos interpretativos governam o corte da interação em seqüências e estabelecem as condições necessárias para avaliar e produzir comportamentos que o pesquisador qualifica como atributos de “status” e de “papel” ou de “condutas apropriadas”. A articulação dos procedimentos interpretativos e regras de superfície (normativas) constituem um fundamento para a interação combinada que denominamos “estruturas sociais”.

7. Em conseqüência, noções tais como “status”, “papel”, e

“norma” não podem ser precisas a não ser na medida em que o modelo do pesquisador tem explicitamente em conta as características que permitem ao ator identificar e agir segundo os comportamentos “apropriados”.

Através de uma listagem, Cicourel expõe uma série de propriedades desses procedimentos interpretativos ou, ainda, desses processos pelos quais o ator interpreta a comunicação de outrem e ascende assim à significação de seu ambiente. A lista de propriedades, a que nos referimos, é a que segue:

- a reciprocidade das perspectivas: intercambiabilidade dos pontos de vista;
- a suposição de um *etc.*: tolerância do ouvinte diante de um discurso ambíguo ou impreciso;
- as formas normais: recuo aos conhecimentos comuns para normalizar as conversações;
- o sentido “retrospectivo-prospectivo” do momento: expectativas de precisões ulteriores tomada, em conta de informações retroativas para compreender o sentido do discurso do outro;
- a reflexividade do discurso: tomada em conta do contexto e dos elementos não verbais (silêncios, tons, ...);
- os vocabulários descritivos enquanto expressões registradas (“*indexical*”): repertório de subentendidos que permitem decorar o sentido exato de uma expressão. É, ainda, em *La sociologie cognitive* (p. 74), que Cicourel nos diz que:

“os procedimentos interpretativos fornecem perpetuamente as indicações aos participantes de uma interação social, de modo que podemos dizer que eles programam mutuamente as ações do outro no curso da cena. Ele faz do ator o único ser realmente capaz de explicar sua ação; nisto, sua sociologia cognitiva formula os limites da sociologia compreensiva”. (DELAS & MILLY, *opus cit.* p. 305-306)

5. Principais críticas sofridas pela etnometodologia

O impacto da etnometodologia foi muito forte, tanto nos Estados Unidos, como na França. É um método de investigação capaz de provocar profundas mudanças na pesquisa corrente e, de fato, o tem feito. Não há dúvida que se trata de um método radical. Desde seu nascedouro, como contestação a Parsons, a etnometodologia se defrontou com o enfrentamento de grandes e hegemônicas forças. Seu criador, Garfinkel, orientado de Parsons, acaba por enfrentá-lo. E Parsons, nos Estados Unidos, tem sido sempre um referencial quase que irremovível. Para tornar ainda mais aberto o flanco às críticas, vários etnometodólogos fizeram por merecê-las. Diante disto, Lewis A. Coser (1913-), presidente da poderosa *American Sociological Association* levantou sua voz para criticar asperamente a etnometodologia. Assim se expressou:

"A enorme tagarelice que envolve a etnometodologia, que cai numa orgia de subjetivismo, uma empresa autoindulgente na qual certas análises etnometodológicas sem finalidade e auto-análises conduzem a uma infinita regressão, onde a descoberta das inefáveis qualidades do analista e de suas construções privadas da realidade serve para mascarar as qualidades tangíveis do mundo... Tentando descrever o conteúdo manifesto das experiências das pessoas, os etnometodólogos negligenciam esta área central da análise sociológica que são as estruturas latentes" (...) Eles "excluem deliberadamente de seu campo a maior parte dos domínios que a sociologia explorou depois de Augusto Comte." (1975, p. 691)

Além do próprio Coser, outros autores assinalam para a trivialidade de certos trabalhos que se detiveram em verdadeiras banalidades. Coser menciona explicitamente um trabalho de Sudnow onde se pergunta como atravessar a rua sem se deixar esmagar, "teorizando", a propósito disto, com uma pretensa "sociologia do golpe de vista". Critica também a Schegloff, que consagra uma atividade importante estabelecer a maneira pela qual começam e terminam as conversações telefônicas.

Citam-se vários outros deslizes, como a "descoberta" do código de honra dos detentos por Laurence Wieder, quando as subculturas

delinquentes são, na verdade, bem conhecidas desde Max Weber, que nos ensinou que “a particularidade do objeto da sociologia é de ser imediatamente compreensível ao observador”. (DELAS & MILLY, *opus cit.*, p. 307)

O subjetivismo é o aspecto mais criticável da etnometodologia, segundo Coser. Mas, nem de longe, os erros de alguns podem ser tomados em conta de desdouro para a etnometodologia como um todo. Dê forma alguma se pode considerar o erro ou exagero de alguns para negar o valor extraordinário que representam as descobertas de Garfinkel, o trabalho de Cicourel e tanto outros nomes ligados à etnometodologia. A cada dia se expande sua influência e se estende sempre mais a adesão ao método, em todo mundo. Valha a advertência de Lewis Coser como um alerta não para os etnometodólogos somente, mas para todos aqueles que, se utilizando de qualquer teoria, não se dão ao devido cuidado e rigor nos procedimentos e ao uso que dela fazem.

Conclusão

A etnometodologia renovou amplamente a análise sociológica e passou a estender sua influência e práticas investigativas pela área da educação, com grande proveito desta. Alain Coulon, em *Etnometodologia e educação*, não deixa mais margem a dúvidas quanto à ampla e eficiente aplicabilidade da etnometodologia em educação.

Diante da premente necessidade de ampliar, de diversificar e de aprofundar a pesquisa em educação, pode-se encontrar na corrente etnometodológica eficaz instrumento. “A palavra ‘etnometodologia’ não deve ser entendida como uma metodologia específica da etnologia ou uma nova abordagem metodológica da sociologia. Sua originalidade não reside aí, mas em sua concepção teórica dos fenômenos sociais”, diz COULON (1995b, p. 15).

As bases filosóficas da etnometodologia devem ser buscadas na fenomenologia que deriva de Husserl e tem continuidade em Alfred Schütz. Os aportes teóricos destes pensadores assumiram forma metodológica para a investigação dos fenômenos sociais em Garfinkel, Cicourel e numerosos outros investigadores que os tornaram práticos

para a efetividade da pesquisa. Sentimos que este pequeno estudo é incompleto. Outras investigações devem segui-lo, sobretudo na pesquisa séria das bases filosóficas sobre as quais os etnométodos operam, justamente para evitar os erros que já, em parte, foram apontados por alguns críticos da etnometodologia. Temos a convicção de que somente com tal conhecimento das bases teóricas os etnométodos podem se tornar instrumentos investigativos de grande eficiência em educação, sobretudo para renovar a pesquisa, dar-lhe novo alento, sob novas e reveladoras formas.

Notas

1. R.E. Park e E. W. Burgess escreveram, em 1921, *Introduction to the sciences of sociology*. Chicago: University of Chicago Press. W. I. Thomas e F. Znaniecki, de 1918 a 1920, publicaram *The polish peasant in Europe and America*. Chicago: Chicago University Press. Segundo COULON (1995a, nota da p. 14, “W. Thomas foi um dos primeiros a usar em sociologia materiais biográficos e autobiográficos em seu monumental estudo - mais de 2.200 páginas, feito em conjunto com F. Znaniecki, sobre os camponeses poloneses exilados na Europa e na América”
2. Indianópolis: Bobbs-Merril, 1963.
3. P.P. Giglioli e A. Dal Lago. *Etnometodologia*. Bolonha: Il Molino, 1993 (Apud COULON, 1995a, p. 27)
4. M. Pollner. Sociological and common-sense models of the labeling process, in: R. Turner (Ed.), *Ethnomethodology*, Harmondsworth, Penguin Books, p. 27-40 (COULON, 1995a, p. 31).
5. H. Garfinkel & H. Sacks, 1970: On formal structures of practical action, em: J. C. McKinney e E.A. Tiryakian (Eds.) *Theoretical Sociology: perspectives and developmets*, Nova York, Appleton-Century-Crofts, p. 337-366. (COULON, 1995a, p. 31).
6. Para um estudo básico do interacionismo simbólico, veja-se COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 14-17; HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 25-17.
7. COULON, Alain, apud QUÉRÉ, L. *L’argument sociologique de Garfinkel*, em *Arguments ethnométhodologiques*”, p. 100-137.

- ⁸. D. H. Zimmerman. A reply to Professor Coser, *The American Sociologist* 11 (fev.), 1976, p. 4-13 (In COULON, A., 1995a, p. 46).

Referências Bibliográficas

- CICOUREL, Aaron. La sociologie cognitive, 1972. **Sociologie d'aujourd'hui**, 1979, p. 51-52.
- COSER, Lewis. **Presidential Adress: Two Methods in Search of a Substance**, *American Sociological Review*, 40, 6, dez. 1975, p. 691-700.
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995a.
- _____. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- DELAS, Jean-Pierre & MILLY, Bruno. **Histoire des pensées sociologiques**. Paris: Editions Sirey, 1997.
- FLYNN, P. **The ethnomethodological movement. Semiotic interpretations**. Berlim/Nova York, Mouton-de-Gruyter, 1991.
- GARFINKEL, H. **Method and measurement in sociology**. Nova York: Free Press, 1964.
- JULES-ROSETTE, Benetta. L'ethnométhodologie en perspective. **Sociétés**, n. 14, maio/junho, 1987, p. 7.
- MOULLIN, Nicolas. **Theories and theory groups in contemporary american sociology**. Nova York: Harper & Row, 1975.
- SCHÜTZ, Alfred. Le monde social e la théorie de l'action sociale. **Sociétés**, nº 0, 1984, p. 6-10.
- _____. **Le chercheur et le quotidien**. trad. francesa de 1987.